

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



A crise na Royal Navy como um desafio ao status de “marinha de águas azuis”

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 195 • 26 de janeiro de 2024

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [HMS Daring \(D32\) - Marinha Real Britânica](#)

Por: Michael Gaylard

Fonte: Flickr

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Prof. Dr. Rafael Zelesco Baretto (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)
Rafael Henrique de Almeida Bandeira Araujo (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Kaike Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (PUC-Rio)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangureira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)



SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Chile ratifica o Tratado do Alto Mar	5	O robustecimento da Indústria Naval nipônica e o avanço da Indústria de Defesa	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
A seca no Rio Grande e seus desafios transfronteiriços	6	Revitalizar ou encerrar o Acordo Militar Abrangente intercoreano?	14
ÁFRICA SUBSAARIANA		Modernização das Forças Armadas da Índia	
Em busca do Mar Vermelho: as ambições marítimas da Etiópia	7	15	
Do Senegal a Angola: o que a União Europeia planeja para o Golfo da Guiné em 2024?	8	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
EUROPA		Amarras para uma boa vizinhança: o novo tratado entre Austrália e Tuvalu	
A crise na <i>Royal Navy</i> como um desafio ao status de “Marinha de águas azuis”	9	16	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa	
Aumento das tensões entre Israel e Hezbollah: expansão das instabilidades regionais	10	17	
Ameaça Houthi no Mar Vermelho afeta comércio marítimo	11	Calendário Geocorrente	
RÚSSIA & Ex-URSS		Referências	
Guerra dos Drones: o impacto do emprego de veículos não tripulados no conflito russo-ucraniano	12	18	
		Mapa de Riscos	
		19	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Luísa Barbosa



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

Chile ratifica o Tratado do Alto Mar

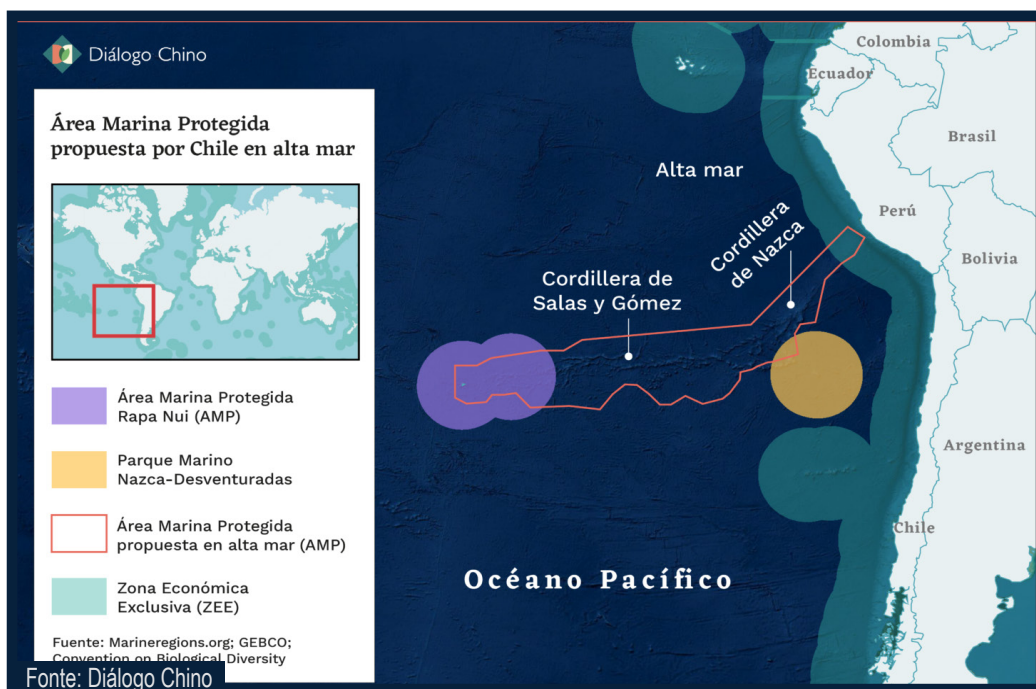
Pedro Kilson

Em 16 de janeiro de 2024, o Senado chileno ratificou, por unanimidade, o Acordo sobre Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade Marinha em Áreas Além da Jurisdição Nacional (BBNJ em inglês, informalmente conhecido como o Tratado do Alto Mar), sob a estrutura jurídica da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS, em inglês). O tratado deverá entrar em vigor em 120 dias, e objetiva aumentar a porcentagem das regiões de alto-mar em áreas legalmente protegidas, atualmente de 1,2%, resguardando o uso dos recursos marinhos. Dessa forma, questionam-se os detalhes da proposta e o papel desempenhado pelo país sul-americano na ampliação do multilateralismo em matéria de proteção dos oceanos, bem como as vantagens político-econômicas da exploração do Pacífico.

Em junho de 2023, os países-membros das Nações Unidas aprovaram um texto direcionado à garantia da preservação e do uso sustentável da diversidade biológica marinha além das áreas estabelecidas de jurisdição nacional. As discussões estão vinculadas às metas estabelecidas na Agenda de Desenvolvimento Sustentável, no âmbito do Marco Global de proteção dos oceanos. O projeto é fruto de negociações no escopo da Conferência das Nações Unidas para as Mudanças Climáticas (COP 27), em novembro de 2022. Nesse sentido, o acordo prevê a consolidação de ampla governança internacional

oceânica, na qual devem se destacar políticas de conservação da vida marinha para além das tradicionais 200 milhas náuticas. Destacam-se avaliações sistemáticas de impactos ambientais, implementação de mecanismos de gestão da biodiversidade e mandatos de proteção baseados em limites de pesca, rotas de navegação e atividades de exploração e extrativismo, bem como uma divisão equitativa dos benefícios econômicos, ecológicos e tecnocientíficos entre economias desenvolvidas e em desenvolvimento.

O Chile se tornou pioneiro com a ratificação do acordo, viabilizando um canal multilateral para intercâmbio de conhecimento e tecnologia, além de favorecer uma cultura de proteção dos ambientes marinhos. A iniciativa alinha-se à centralidade do Pacífico no desenvolvimento integral do país e abarca a construção histórica do Estado, a relevância econômica da pesca, o acesso ao comércio internacional, o desenvolvimento do setor portuário, da Marinha Mercante e do poder naval e criação do Ministério do Mar, assim como a exploração de recursos naturais como petróleo e gás natural. Internacionalmente, o Pacífico ganha relevância como centro de poder, de modo que uma política oceânica torna-se fundamental para o destaque do Chile como nação marítima, de perspectivas geopolítica, econômica e desenvolvimentista.



A seca no Rio Grande e seus desafios transfronteiriços

Victor Cabral

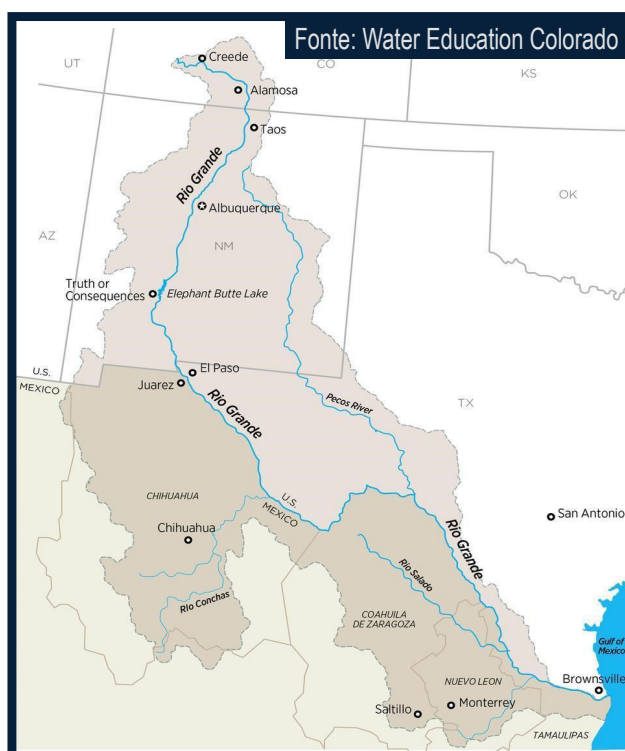
O Rio Grande, que percorre 3.060 km do Colorado ao Golfo do México, demarca fisicamente a fronteira dos Estados Unidos da América (EUA) com o México. O rio desempenha um papel crucial no fornecimento de água para milhões de pessoas e indústrias. Além disso, o corpo de água tem relevante papel no controle migratório, na mobilidade de turistas e no transporte de mercadorias entre os países. Contudo, a gestão do rio enfrenta desafios devido à seca, o que pode se agravar nos próximos anos.

O Rio Grande enfrenta uma ameaça à sua existência devido à exploração excessiva de suas águas. Situado em uma região semiárida, com baixa precipitação anual, o rio possui dificuldade para suprir as necessidades de mais de 10 milhões de habitantes na fronteira urbanizada entre EUA e México. Nesse ímpeto, as mudanças climáticas podem ampliar a insegurança hídrica devido às secas mais frequentes e prolongadas. A indústria manufatureira e a agropecuária do norte mexicano dependem do rio, já tendo existido conflitos sobre a distribuição das águas em 2020, reflexo da vulnerabilidade desses setores em relação ao abastecimento fluvial. A divisão binacional das águas remonta a um acordo de 1944, que estabelece as quantidades de água que o México deve fornecer aos EUA em ciclos quinquenais, não tendo sido adaptado à premente realidade climática. Dessa forma, o México enfrenta déficits nessas entregas, suprindo apenas 25%

do devido na metade do ciclo atual, sem previsão de cumprir o acordo.

A crise hídrica é uma preocupação latente nas campanhas presidenciais mexicanas para junho de 2024, com as candidatas Claudia Sheinbaum e Xóchitl Gálvez destacando os problemas do racionamento e da escassez de água. Investidores estrangeiros também expressam apreensão, pois o estresse hídrico e a má distribuição impactam negativamente o crescimento econômico. Já nos EUA, o governador do Texas Greg Abbott é criticado por seu negacionismo climático e sua dificuldade em negociações sobre o uso responsável da água e a adaptação à crise. Ademais, Abbott instrumentaliza politicamente o Rio Grande ao implementar barreiras flutuantes e arames farpados para conter a migração, violando o Direito Internacional. Além disso, disputa judicialmente contra a Casa Branca sobre as políticas fronteiriças no espaço fluvial.

A seca no Rio Grande facilita a travessia migratória, mas reforça a securitização espacial e a expansão de barreiras físicas, impactando negativamente o fluxo e a qualidade da água. Com menor vazão fluvial, a seca potencializa conflitos entre comunidades e pequenos empresários, além de impor negociação bilateral para atualização da divisão binacional das águas e adaptação a uma realidade de frequente escassez hídrica.



DOI 10.21544/2446-7014.n195.p06.

Em busca do acesso ao mar: as ambições marítimas da Etiópia

Luísa Barbosa Azevedo

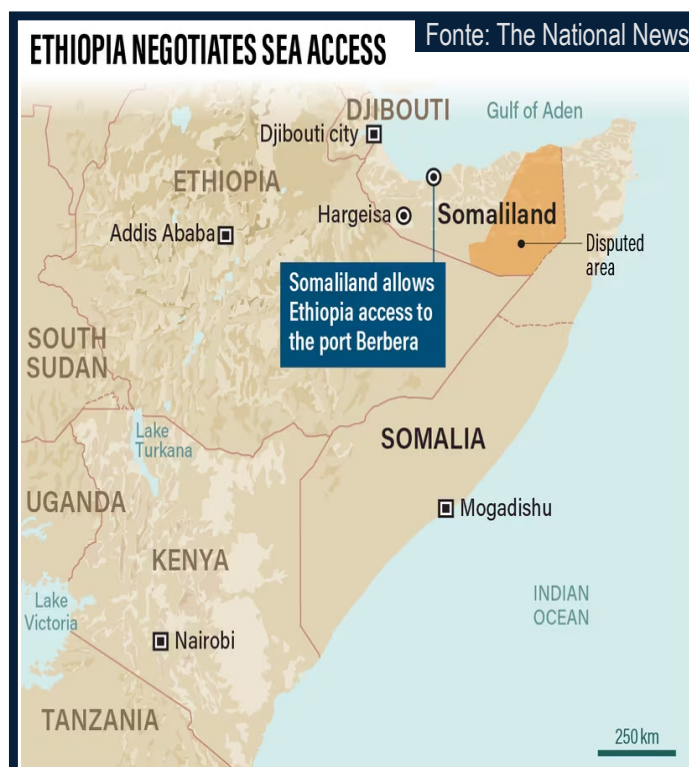
A Etiópia busca superar os obstáculos impostos por sua localização geográfica por meio da reivindicação de uma saída para o Mar Vermelho. Em 1º de janeiro de 2024, o governo etíope assinou um memorando que prevê o arrendamento de 20km da costa da Somalilândia - território autônomo da Somália desde 1991 - para o Golfo de Áden em troca do reconhecimento da outra parte enquanto Estado soberano. O acordo aumentou as tensões com a Somália, que o considerou uma violação de sua soberania e recusou tentativas de mediação até seu cancelamento. Assim, como as reivindicações etíopes de acesso ao mar impactam a segurança regional?

O governo da Etiópia baseia seu direito de acesso ao Mar Vermelho na influência do poder naval do Império Etíope no século XIX. Com isso, relaciona-se o acesso ao mar à construção da identidade nacional e à promoção dos seus interesses econômicos e geopolíticos. Tais reivindicações por uma saída marítima podem ocasionar uma disputa por recursos naturais na região, para além da controvérsia da Grande Represa do Renascimento Etíope no Nilo Azul (Boletim 167). Em outubro de 2023, o Primeiro-Ministro etíope Abiy Ahmed, em discurso ao Parlamento, ressaltou que o acesso ao mar é central para a prevenção de futuros conflitos na região após tensões com a Eritreia. Vale ressaltar que o acordo entre Etiópia e

Somalilândia poderá aprofundar dinâmicas conflituosas já existentes.

As necessidades econômicas e geopolíticas da Etiópia são, então, limitadas pela falta de acesso ao mar, especialmente no que se refere à segurança de suas rotas de comércio e o restabelecimento de sua Marinha de Guerra. Sendo a terceira maior economia e o segundo país mais populoso da África Subsaariana, a Etiópia tem 90% de suas mercadorias exportadas por via marítima, atualmente passando pelo Porto de Djibouti. Entretanto, o acordo atual entre os países necessita de altos investimentos em infraestrutura, como a construção de uma ferrovia ligando Addis Abeba ao Porto. Entre as ambições etíopes está também o acesso ao Porto Lamu, no Quênia, para o qual existe um acordo para desenvolvimento e eventual uso de um corredor logístico.

A problemática da saída ao mar para a Etiópia explicita a prevalência da oceanopolítica, sendo uma questão existencial a continuidade do desenvolvimento do país como potência emergente africana no cenário internacional. Tratando-se de uma região permeada por conflitos internos e regionais que transbordam para o Mar Vermelho, as ambições etíopes podem ser um fator desestabilizador da segurança no Chifre da África.



Do Senegal a Angola: o que a União Europeia planeja para o Golfo da Guiné em 2024?

José Araujo

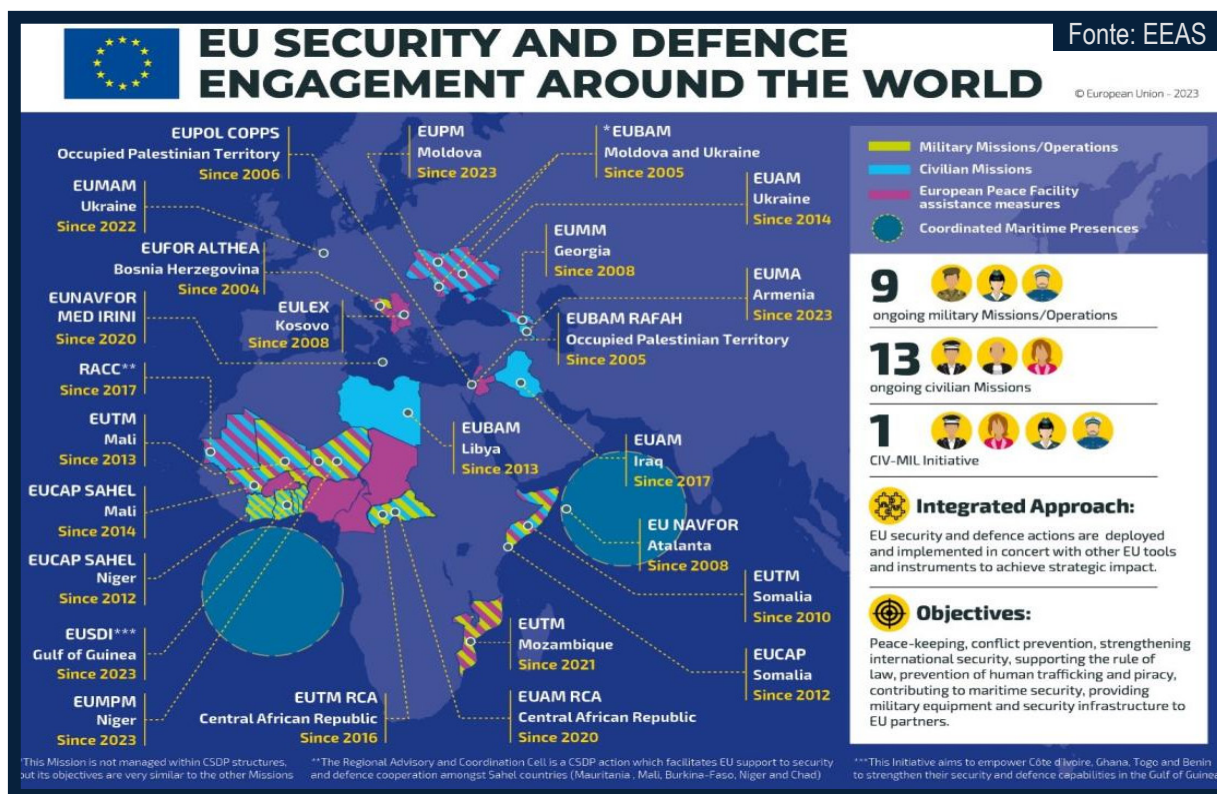
Em dezembro de 2023, o Conselho Europeu iniciou a Iniciativa de Segurança e Defesa da União Europeia (UE) em suporte a países do Golfo da Guiné (GoG, em inglês), na África Ocidental. Essa decisão reforça as parcerias anteriores de Defesa com os governos de Benin, Camarões, Costa do Marfim, Gana e Togo, ocorridas entre os meses de agosto e novembro de 2023. A UE é historicamente presente na região, já tendo advogado, inclusive, pela segurança marítima no local ([Boletim 117](#)). Entretanto, a partir desse novo movimento, quais são as intenções europeias para a região em 2024?

Primeiramente, percebe-se que as missões realizadas pela UE em Benin, Camarões, Costa do Marfim, Gana e Togo foram impulsionadas pela preocupação com o transbordamento de instabilidades do Sahel para os Estados do GoG, de forma a deixá-los vulneráveis a grupos extremistas. Isso se relaciona com a recente ampliação da zona de influência de grupos ligados à Al-Qaeda e ao Estado Islâmico para Burkina Faso, Mali e Níger. Essa preocupação também foi pontuada por nações africanas no Fórum Lomé de Paz e Segurança em outubro de 2023 ([Boletim 194](#)). Logo, a iniciativa europeia visa à prevenção de instabilidades da região do GoG, devido ao transbordamento da atuação de grupos extremistas.

Além disso, outra intenção implícita da UE nessa iniciativa pode ser o apaziguamento da migração

intercontinental pelas rotas do Atlântico e do Mediterrâneo que saem do GoG e do Norte da África em direção à Europa. Segundo a Agência de Controle de Fronteira da União Europeia (FRONTEX), em 2023 as passagens irregulares de fronteira alcançaram 380.000 pessoas – o maior número desde 2016. Desse número, cerca de 52% advêm das rotas do Mediterrâneo Central e do Atlântico que possuem alta incidência de nacionais de países do GoG. O fluxo migratório se relaciona às instabilidades da região do GoG, como, por exemplo, a incidência de crises de segurança – ou o transbordamento delas –, crises migratórias intra-regionais, insegurança alimentar e a presença de grupos extremistas. Dessa forma, a iniciativa marítima europeia objetiva reduzir as instabilidades da região, de forma a atenuar a migração intercontinental, não adequada para a UE.

Sendo assim, em 2024, observa-se que a UE planeja estabelecer parcerias com os Estados do GoG para redução da vulnerabilidade a ações terroristas e combate da migração intercontinental não documentada. Do ponto de vista marítimo, a importância dessa parceria aumenta, tendo-se em vista que os casos de pirataria tem reduzido nesta região, que faz parte do entorno estratégico brasileiro. Por fim, frisa-se o possível surgimento de parcerias semelhantes com os demais Estados do GoG frente à insegurança marítima na região.



A crise na *Royal Navy* como um desafio ao status de “Marinha de águas azuis”

Guilherme Carvalho

As mais recentes estatísticas do Ministério da Defesa britânico no *UK Defence Personnel Statistics 2023* revelam que a *Royal Navy* enfrenta dificuldades significativas na manutenção de níveis de emprego, com mais pessoal deixando a força do que sendo recrutado, resultando em notável perda de eficiência. Em meio ao atual cenário global, caracterizado por conflitos nos quais os interesses britânicos estão em jogo, surge a preocupação crucial sobre a capacidade da *Royal Navy* de se comprometer com aspirações de um Reino Unido global, conforme detalhado no último *Integrated Review* (2021) ([Boletim 182](#)). Esses receios ganharam mais força no começo desse ano, com diversas publicações por parte da mídia britânica.

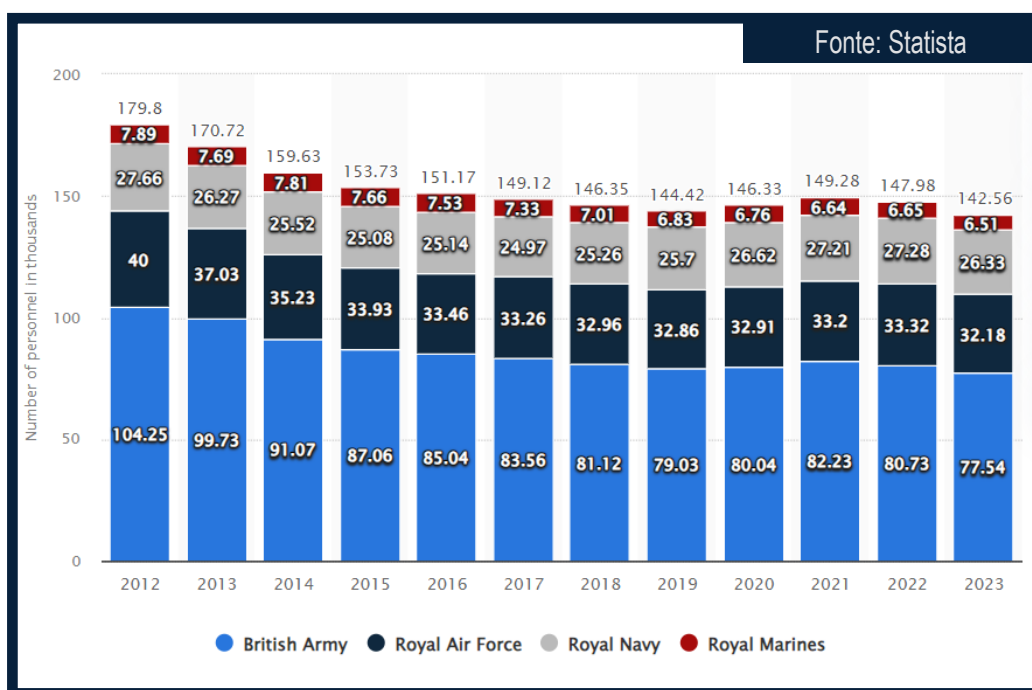
Salários mais baixos são apenas um dos fatores que contribuem para o déficit, representando mais um aspecto da crise atual na *Royal Navy*, composta principalmente pela escassez de recursos humanos, restrições orçamentárias e envelhecimento da frota. Segundo o Ministério, a admissão nos 12 meses anteriores a março de 2023 registrou uma queda de 22,1% na Marinha (vs. 2022). Enquanto isso, recentes aumentos de investimento nas Forças Armadas concentram-se principalmente em repor munição e equipamentos destinados ao conflito na Ucrânia. Em decorrência das restrições orçamentárias, Londres

procura prolongar a vida útil de seus meios navais com atualizações dispendiosas, enquanto projetos de reposição enfrentam notáveis atrasos. Paralelamente, várias embarcações têm sido retiradas do serviço ativo antes de completarem seu ciclo de vida, principalmente devido à escassez de recursos humanos para operá-las.

A *Royal Navy* atualmente enfrenta desafios geopolíticos que testam suas reais capacidades, como evidenciado em relatórios recentes (*Defence Command 2023* e *Integrated Review 2021*). A interferência dos houthis apoiados pelo Irã no transporte marítimo no Mar Vermelho, por exemplo, além dos conflitos russo-ucraniano e em Gaza.

Ademais, a Rússia representa desafios nas águas euro-atlânticas, incluindo as que circundam as Ilhas Britânicas, enquanto a Marinha Chinesa cresce em níveis muito elevados. Esse contexto indica que, se os desafios relacionados à falta de efetivo e à reposição dos meios navais não forem superados, há o risco de o país perder sua proeminência na segurança marítima europeia a longo prazo, assim como sua capacidade de projeção de poder global a médio prazo.

A *Royal Navy* é considerada o instrumento de poder de maior alcance para Londres, e requer urgentemente mais investimentos para atingir os objetivos delineados no *Integrated Review* de 2021, que descreve uma presença britânica constante em escala global.



Aumento das tensões entre Israel e Hezbollah: expansão das instabilidades regionais

João Gabriel Fischer Morais Rego

Desde as ações do Hamas contra o território israelense no dia 07 de outubro de 2023, observa-se a expansão das instabilidades geopolíticas no Oriente Médio ([Boletim 192](#)). Dentro desse cenário, atualmente acontece um aumento das tensões no conflito entre o grupo Hezbollah e Israel, principalmente na fronteira entre os territórios libanês e israelense. Desse modo, este artigo visa analisar a possibilidade de expansão deste conflito para ações mais categóricas de ambos os atores.

O Hezbollah faz parte do “Eixo da Resistência”, aliança informal formada pelo Irã e alguns atores regionais, como os grupos armados Hamas (Palestina), Houthi (Iêmen), atores sírios e iraquianos, entre outros. O grupo libanês tem realizado ataques com maior intensidade no sul do Líbano desde as ações do Hamas em outubro, porém observa-se que o Hezbollah ainda não parece ter utilizado totalmente suas capacidades contra as Forças de Defesa de Israel, ao se considerar que o conflito acontece principalmente em uma região e, relativamente, nenhum grande ataque foi realizado. Contudo, segundo análises da rede de notícias *Al Jazeera*, mesmo com as hostilidades acontecendo em sua maioria na fronteira, existe o risco de expansão do conflito. O aumento das tensões acontece por diferentes fatores,

como o bombardeio israelense à Faixa de Gaza, a morte de uma liderança do Hamas no Líbano e de membros do Hezbollah, incluindo também uma liderança do grupo. A perda de membros do grupo libanês pelas ações israelenses eleva a probabilidade de operações contra o território de Israel.

Outro fator que aumenta as tensões relacionadas ao conflito é o deslocamento interno de milhares de pessoas de ambos os países. Segundo a *Al Jazeera*, mais de 96 mil israelenses vivem em locais temporários. Esse fato é algo a que o Hezbollah visa em suas ações, buscando aumentar as pressões políticas e militares contra Israel. Por fim, também há preocupações em relação à possibilidade de participação de outros membros que pertençam à área do “Eixo da Resistência” em uma possível ampliação do conflito.

Portanto, o conflito entre Hamas e Israel provocou o aumento das instabilidades em diferentes áreas no Oriente Médio. No caso do Líbano, é possível observar a expansão das tensões entre o Hezbollah e Israel, mesmo ainda não tendo acontecido um conflito de maior intensidade, existe a perspectiva de escalar para um evento mais amplo envolvendo os atores.



Ameaça Houthi no Mar Vermelho afeta comércio marítimo

Melissa Rossi e Vitória França

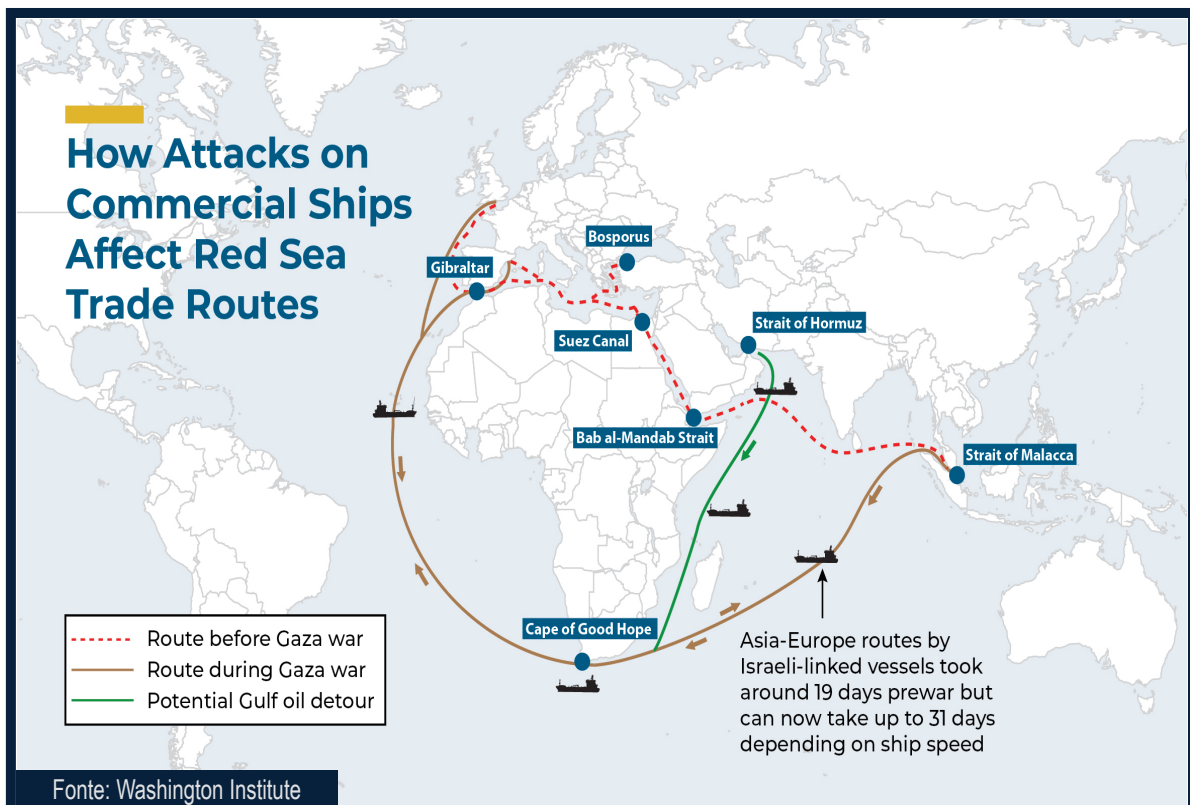
Desde outubro de 2023, o grupo rebelde islâmico xiita Houthi, que tomou o governo oficial do Iêmen em 2014 e iniciou uma guerra em 2015 (Boletim 181), tem utilizado drones, mísseis balísticos e de cruzeiro, além de embarcações rápidas, para atacar navios mercantes e militares que eles alegam estar ligados a Israel e que transitam pelo Mar Vermelho. Utilizando uma retórica de solidariedade ao povo palestino, as ações houthis têm escalado para ataques contra navios de diferentes bandeiras, em especial britânicos, estadunidenses e franceses. Em meio ao potencial agravamento de tensões na Península Arábica, quais são as motivações dos ataques, e o que eles significam para o comércio marítimo na região?

No último 11 de janeiro, os Estados Unidos e o Reino Unido bombardearam mais de sessenta alvos houthis no Iêmen, em uma tentativa de proteger o livre fluxo do comércio internacional. O Mar Vermelho, no qual se encontram o Estreito de Bab el-Mandeb e o Canal de Suez, constitui uma das principais vias marítimas mundiais, principalmente para o transporte energético, sendo responsáveis por cerca de 12% do petróleo e 8% do gás natural liquefeito transportados por mar. Com as agressões houthis, dezenas de embarcações de diversas

bandeiras foram atacadas, fazendo com que empresas como *Maersk* e *Hapag-Lloyd* desviassem suas rotas para contornar a África pelo Cabo da Boa Esperança, prolongando suas viagens em até duas semanas.

O objetivo Houthi claramente não foca somente em afetar Israel, mas também em angariar apoio interno pela sua causa, além de conquistar uma projeção regional maior dentro do “Eixo da Resistência”, liderado pelo Irã. É importante ressaltar que, apesar de ocuparem grande parte do noroeste do Iêmen, incluindo a capital Sanaã, os houthis ainda não são reconhecidos como governo legítimo. Logo, tal aposta estratégica de projeção de poder, mesmo que arriscada, busca a consolidação política do grupo.

Assim, pode-se concluir que a escalada de tensões militares no Mar Vermelho teve, a priori, um grande custo econômico com o aumento das preocupações ligadas à segurança. A nível interno, o apoio aos palestinos tem sido um compromisso para apoiadores dos houthis, que, ao demonstrar solidariedade a Gaza, acreditam obter mais apoio. Regionalmente, demonstram seu potencial para a interdição da navegação como um ativo estratégico, fazendo um paralelo à capacidade do Irã em ameaçar o transporte marítimo no Estreito de Ormuz.



Guerra dos Drones: o impacto do emprego de veículos não tripulados no conflito russo-ucraniano

José Gabriel Pires

O conflito russo-ucraniano se aproxima de completar seu segundo ano. Esse período foi caracterizado por avanços e recuos de ambos os lados, com adaptações às condições operacionais impostas pelo ambiente e pelo adversário, especialmente com desenvolvimento e emprego de inovações tecnológicas. Nesse contexto, fontes ucranianas alegam ter tido sucesso em um ataque a um terminal de petróleo próximo a São Petersburgo, segunda maior cidade russa, no último dia 18 de janeiro. Embora haja controvérsia sobre a efetividade do ataque, esse evento ilustra a relevância e a amplitude do emprego dos drones e outras tecnologias. Desse modo, questiona-se por que seu uso no conflito russo-ucraniano pode se desdobrar em impactos para além dele.

Os veículos não tripulados, ou drones, estão presentes naquele teatro de operações desde o início do conflito, principalmente com o intuito de coletar informações sobre o campo de batalha e de orientar disparos de artilharia. Alguns dos mais conhecidos drones militares utilizados são os *Shahed-136* iranianos, do lado russo, e os *TB2 Bayraktar* turcos, do lado ucraniano. Diferente da aviação militar tradicional, essa tecnologia habilita diferentes tipos de ataques, que variam em alcance e capacidade ofensiva, com o diferencial de serem muito mais baratos que uma aeronave convencional — o investimento em uma aeronave multipropósito F-35 equivale ao valor de 55 mil drones

DJI Mavic chineses — e com a vantagem de não arriscar a vida de pilotos. Nesse sentido, os drones de menor porte, configurados por Inteligência Artificial (IA) para atuar em enxames, são uma tendência devido ao potencial que sua escala de utilização proporciona, por exemplo, ao saturar sistemas de defesa aérea. Kiev também tem tido algum sucesso com o uso de drones navais, utilizados para atacar embarcações russas, limitando a circulação da esquadra do Mar Negro.

Com o desenvolvimento e a evolução desse tipo de abordagem, também surgem contramedidas. Nesse cenário, uma das principais defesas contra os drones está na Guerra Eletrônica, por meio de *jamming*. Essa tática consiste na interferência intencional nas ondas eletromagnéticas que conectam o dispositivo ao controlador, perturbando ou até mesmo impossibilitando a transmissão de dados, de modo a prejudicar as operações do adversário.

O conflito russo-ucraniano tem sido palco para muitos avanços na aplicação militar dos drones, seja para vigilância, seja para ataque. As vantagens apresentadas do uso de IA, tanto em drones projetados com propósito militar quanto os civis adaptados, também sugerem seu potencial para remodelar as abordagens tático-operacionais contemporâneas.



O robustecimento da Indústria Naval nipônica e o avanço da Indústria de Defesa

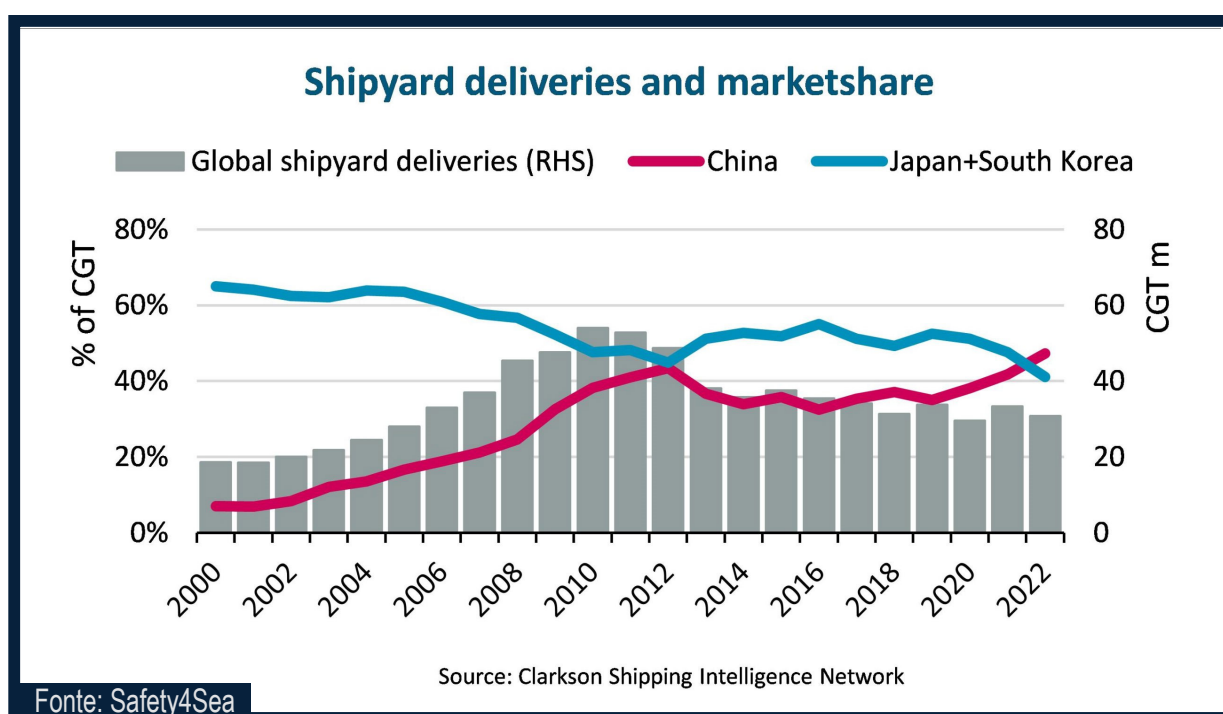
Thomas Dias Placido

Motivado pelo aumento da capacidade de construção naval chinesa e pela crescente influência de Pequim no entorno estratégico regional, o Japão vem fortalecendo suas capacidades defensivas. Atualmente, a *Mitsubishi Heavy Industries* (MHI, em inglês) – conglomerado econômico que fomentou o esforço beligerante do Japão Imperial – vem sendo o principal beneficiário da expansão da Indústria Naval japonesa direcionada às Forças de Autodefesa Marítima (FADM). Assim, diante de um ambiente de segurança aparentemente deteriorado para o Japão, o presente artigo pretende analisar brevemente a relação entre a expansão das capacidades navais no entorno estratégico nipônico e suas implicações para a indústria de defesa doméstica.

Destaca-se que as FADM atuam em três áreas-chave ao redor do arquipélago japonês, abarcando o Mar do Japão, o Mar da China Oriental e os Territórios do Norte. Nesse sentido, segundo o governo japonês, as vizinhanças imediatas com Coreia do Norte, China e Rússia, respectivamente, demandam uma estratégia naval sólida e eficaz para a segurança nipônica. Assim, no último dia 14 de novembro, a oitava fragata da classe *Mogami* – JS *Yūbetsu* –, mais novo símbolo da modernização do poder naval nipônico, foi lançada. Considerada a espinha dorsal das Forças de Autodefesa Marítima, a classe *Mogami*, conhecida como FFM (*Future Frigate Multirole*), formará uma frota de 12

embarcações e atuará principalmente em operações de reconhecimento e vigilância através de sua tecnologia *stealth* na cadeia de ilhas Nansei, na província de Okinawa, prestando apoio à Guarda Costeira do Japão em questões relacionadas à China.

O programa da classe será responsável por cerca de 10% dos gastos totais com fragatas dos países da região Ásia-Pacífico entre 2023 e 2033, beneficiando a MHI como principal contratante. Esses gastos foram confirmados em agosto, quando o Ministério da Defesa do Japão anunciou a solicitação de US\$ 53 bilhões em defesa para o Ano Fiscal (FY, em inglês) 2024, o maior já solicitado. A MHI domina o setor com um *market-share* aproximado de 21% em 2022; conseqüentemente, aproveitando o robustecimento de gastos com Defesa, a empresa espera que as vendas anuais dobrem até o FY2026, no qual participará do desenvolvimento da sexta geração de caças junto a Itália e Reino Unido, além de uma nova variante da classe FFM. Nota-se, portanto, que o maior expoente da estratégia defensiva japonesa é o fortalecimento de sua Marinha, refletindo diretamente no crescimento da indústria de defesa local. A *Mitsubishi Heavy Industries*, ao se posicionar como líder no desenvolvimento naval, não apenas responde aos desafios de segurança regional, mas também se estabelece como um pilar crucial na remilitarização do Japão.



Revitalizar ou encerrar o Acordo Militar Abrangente intercoreano?

Marcelle Torres

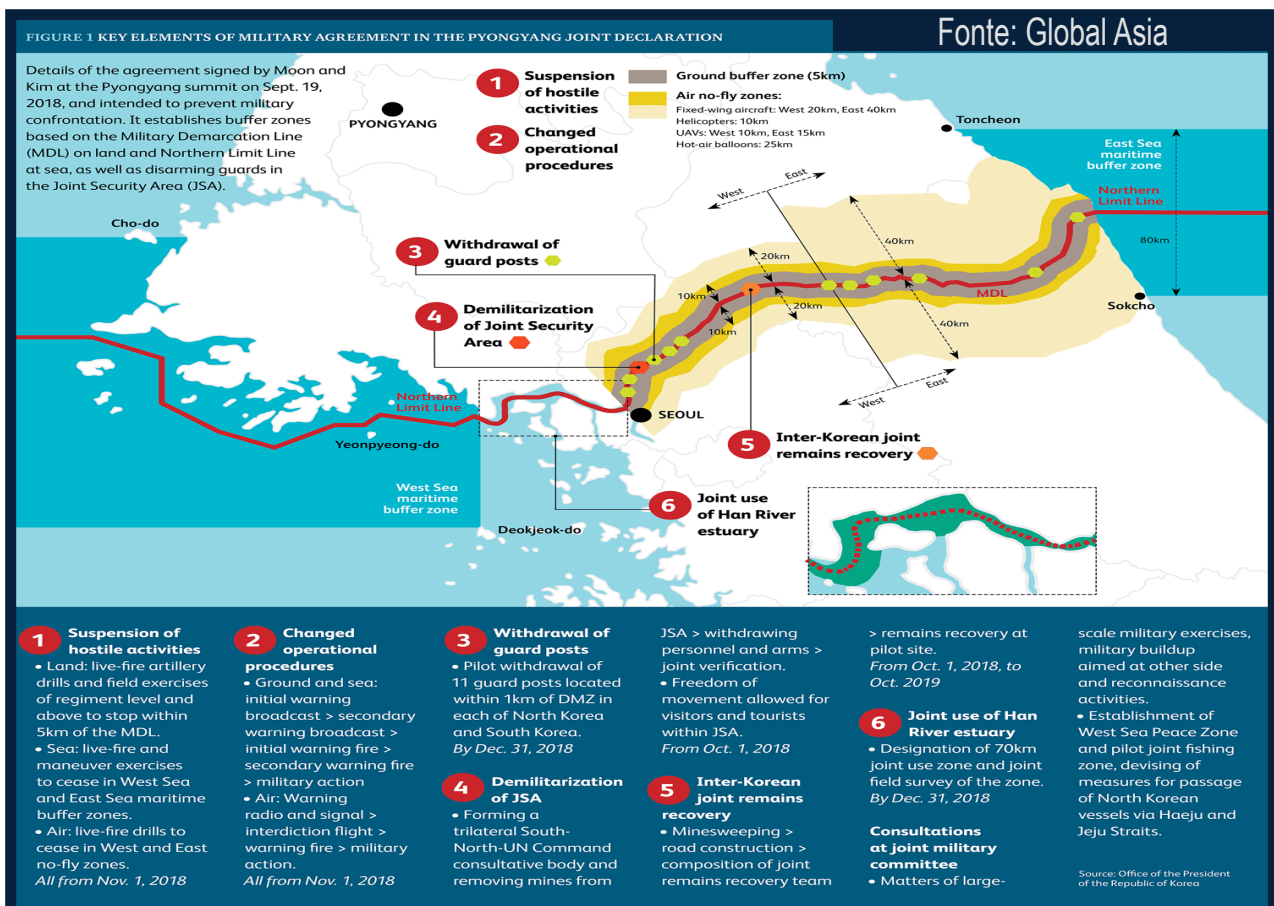
Diante do anúncio do Ministério da Defesa norte-coreano sobre a revogação do Acordo Militar Abrangente (CMA, em inglês), em 23 de novembro, o debate acerca da construção das relações de confiança e da complexidade na península coreana retornou. A retórica de Pyongyang comunica a retomada de medidas militares por terra, mar e ar ao longo da Linha de Demarcação Militar, na Zona Desmilitarizada (DMZ, em inglês). Seul, por sua vez, culpa o lançamento do satélite de reconhecimento norte-coreano *Malligyong-1*, em 21 de novembro, como a causa para sua suspensão parcial do CMA. Todavia, cumpre questionar: afastar-se do acordo é a postura mais eficiente para Seul?

Assinado em 2018 pelos ministros da Defesa de ambas as Coreias na presença do líder norte-coreano Kim Jong-un e do então presidente sul-coreano Moon Jae-in, o CMA se concentrou em cinco principais áreas: i) suspensão de atividades hostis; ii) medidas militares para tornar a DMZ uma zona de paz; iii) criação de uma zona marítima de paz; iv) comunicação e intercâmbio militar; e v) medidas de fomento à confiança militar. Sob a égide da Declaração de Panmunjom, o CMA proporcionou a retirada de postos de guarda ao longo da DMZ, o uso conjunto do estuário do rio Han, operações de desminagem e a perspectiva de estabilidade na

fronteira através da criação de zonas-tampão terrestre e marítima e de exclusão aérea.

Sob a presidência de Yoon Suk-yeol, o CMA é criticado por limitar as capacidades de vigilância e reconhecimento de Seul próximo à fronteira e prejudicar alertas de provocações norte-coreanas, somado às atividades de Pyongyang. Entre 2019 e 2022, houve 17 violações norte-coreanas do CMA, 15 delas sendo em 2022, das quais 14 ocorreram na fronteira marítima *de facto* (NLL, em inglês). Do lado norte-coreano, espera-se que postos de guarda na DMZ sejam restabelecidos, acompanhados de mais exercícios de artilharia próximos à NLL, uso de drones de vigilância e expansão nuclear em 2024.

Com a continuidade do conflito russo-ucraniano e do conflito entre Israel e Hamas, Seul teme a possibilidade de sofrer uma incursão norte-coreana, sobretudo na NLL — que não é reconhecida por Pyongyang. Apesar das violações do norte ao CMA, os custos políticos e de segurança no cenário de anulação do acordo são elevados para Seul. Dessa forma, a renúncia total ao CMA é perigosa e não traz solução permanente. Para a Coreia do Sul, a prioridade é reforçar a prontidão militar enquanto gerencia a tensão na região. O risco de erros de cálculo e confrontos acidentais é, atualmente, maior.



Modernização das Forças Armadas da Índia

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

As Forças Armadas da Índia participaram de seis grandes conflitos desde a década de 1950, incluindo alguns contenciosos com China, Paquistão e Portugal. Ainda assim, o foco militar foi historicamente direcionado para ataques terroristas originados do Paquistão e para insurgências domésticas. Contudo, desde o confronto entre forças chinesas e indianas em 2020, é possível verificar um aumento de tensões nas relações entre os dois países ([Boletim 116](#)), em paralelo às tensões constantes com o Paquistão. Dado esse contexto de instabilidade regional, o Exército indiano declarou 2024 como o Ano da Absorção Tecnológica, indicando um compromisso das Forças Armadas com a modernização. Nesse sentido, cabe questionar como a Índia tem buscado modernizar suas Forças Armadas, partindo do pressuposto de que essas são centrais no debate de segurança regional da Ásia.

No que diz respeito à modernização militar indiana, é importante dizer que esse é um desafio complexo, que depreende grande investimento em inovação tecnológica. Na busca por essa inovação, o Exército tem promovido mudanças, a partir de uma abordagem colaborativa envolvendo parcerias com entidades acadêmicas e industriais. Tais parcerias abrangem uma gama de tecnologias avançadas, englobando inteligência artificial, *softwares*, plataformas aéreas não tripuladas e sistemas anti-drones que, combinadas,

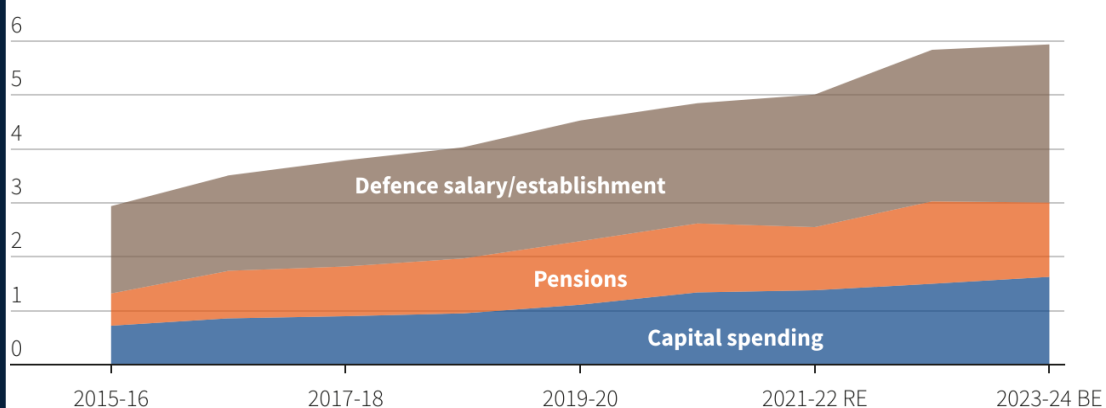
podem transformar significativamente as capacidades operacionais e estratégicas das Forças Armadas indianas.

Como parte do processo de modernização, existe uma forte ênfase na fabricação bélica doméstica, promovida pelo governo indiano e evidenciada por iniciativas como a “*Make in India*”. Navios de guerra de ponta, caças *Tejas MK-1A*, submarinos nucleares da classe *Arihant*, porta-aviões da classe *Vikrant* e mísseis *Brahmos* são exemplos de equipamentos produzidos domesticamente. O foco explícito na produção interna destaca a aspiração de reduzir a dependência externa, fortalecendo assim a autossuficiência e a segurança tecnológica indianas.

Em suma, a modernização das Forças Armadas revela um esforço do governo indiano para estabelecer uma força altamente capacitada, flexível e bem-equipada, visando proteger os interesses nacionais, lidar com possíveis ameaças e contribuir para a promoção de paz e estabilidade, em níveis tanto regional quanto global. Além disso, como afirmado pelo Primeiro-Ministro Narendra Modi, é esperado que, com os esforços de modernização, o *gap* militar entre a Índia e a China diminua. Ainda assim, o país continua fortemente dependente de importações para o setor, especialmente para armamentos de alta tecnologia, o que demonstra que a modernização e o fim da dependência estrangeira são um árduo e contínuo desafio para as Forças Armadas indianas.

Where is India's defence budget spent?

Establishment costs, salaries and pensions account for the majority of the country's defence budget. All figures in the chart are in trillion Indian rupees.



Note: BE: Budget estimates, RE: Revised estimates

Fonte: Reuters

DOI 10.21544/2446-7014.n195.p15.

Amarras para uma boa vizinhança: o novo tratado entre Austrália e Tuvalu*Guilherme Carneiro*

Durante o 52º Fórum de Lideranças das Ilhas do Pacífico, que ocorreu entre 06 e 10 de novembro de 2023, o Primeiro-Ministro australiano Anthony Albanese anunciou o novo acordo de segurança entre Austrália e Tuvalu, denominado Tratado de União Falepili. O tratado abrange mudanças climáticas, mobilidade humana e questões de segurança e estabilidade como principais pontos de cooperação, porém também coloca Tuvalu em posição de protetorado australiano. Dessa forma, este texto busca analisar os benefícios e malefícios do novo pacto de segurança para os países envolvidos.

Face a mudanças climáticas, aumento do nível do mar e probabilidade de perda de território, Tuvalu vem buscando novas formas de contornar a situação ([Boletim 188](#)). O Tratado de União Falepili cria uma parceria completamente nova entre os países, na qual Camberra se compromete em apoiar os planos de adaptação nacional de Tuvalu, como o fundo para recuperação de terras, que pretende expandir o território da capital Funafuti em até 6%, e as inéditas medidas migratórias, que possibilitam anualmente que 280 tuvaluanos migrem para a Austrália a fim de se estabelecer permanentemente.

No que tange às questões de segurança, o tratado proporciona uma rede de proteção para Tuvalu, dado que o país mantém relações diplomáticas e culturais com Taiwan e está localizado em uma região que possui

uma ampla presença chinesa, mas não dispõe de recursos suficientes para resistir às fortes pressões de Pequim. Entretanto, decisões que envolvam Defesa nacional, proteção de fronteiras, cibersegurança e infraestruturas críticas como portos e estruturas energéticas deverão ser tomadas em comum acordo com Camberra, o que diminui a soberania tuvaluana e acaba pondo o país em uma posição de protetorado australiano.

Em abril de 2022, com o propósito de projetar sua presença no Pacífico, a China fechou um acordo de segurança com as Ilhas Salomão ([Boletim 159](#)), o que gerou grandes preocupações para a Austrália devido à proximidade geográfica das ilhas. Assim, o Tratado de Falepili significa para o governo australiano uma tentativa de aumentar sua presença regional no Pacífico e, ao mesmo tempo, conter os esforços chineses de influência na região.

Com lados positivos e negativos, o Tratado de União entre Austrália e Tuvalu estabelece uma dinâmica integralmente inédita entre os países, que vai além de um plano para promover "justiça climática" e facilitar o deslocamento humano. Logo, deve-se ponderar se as medidas adotadas para manter a segurança regional e contornar crises climáticas compensam as amarras geopolíticas que minam a soberania de Tuvalu.

DOI 10.21544/2446-7014.n195.p16

- ▶ [Eurasia Groups Top Risks for 2024](#)
EURASIAGROUP.
- ▶ [Global Risks Report 2024](#)
WORLD ECONOMIC FORUM.
- ▶ [2024 Annual Geopolitical Forecast](#)
WORLDVIEW.
- ▶ [Five Takeaways from the US Continental Shelf Announcement](#)
WILSON CENTER, Evan T. Bloom.
- ▶ [Drought and war hit the choke points](#)
THE INTERPRETER, Selwyn Parker.

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Fernanda Császár

JANEIRO

Principais eventos de 25 a 31 de Janeiro

25



OTAN
INÍCIO DO EXERCÍCIO
STEADFAST DEFENDER 2024

26



TUVALU
ELEIÇÕES GERAIS

28



FINLÂNDIA
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

30



ESTADOS UNIDOS
FÓRUM DO CONSELHO
ECONÔMICO E SOCIAL DAS
NAÇÕES UNIDAS

FEVEREIRO

Principais eventos de 01 a 08 de Fevereiro

04



EL SALVADOR
ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS

07



AZERBAIJÃO
ELEIÇÕES GERAIS

07-09



ÍNDIA
CÚPULA DO
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

08



PAQUISTÃO
ELEIÇÕES GERAIS

- **Chile ratifica o Tratado do Alto Mar**

CLAVEL, Arancibia Jorge. [El Pacífico y Chile: análisis geopolítico](#). Revista **Marina CL**. Acesso em: 19 jan. 2024.

BELLO, Maximiliano; LABORDA, Cristian. [Chile reafirma el multilateralismo a través de su vocación oceánica al ser el primer país en ratificar el acuerdo marco del alta mar](#). **El País**, 19 jan. 2024. Acesso em: 19 jan. 2024.

- **A seca no Rio Grande e seus desafios transfronteiriços**

WIESSNER, Daniel. [US court will reconsider forcing Texas to remove Rio Grande migrant barrier](#). **Reuters**, 17 jan. 2024. Acesso em: 19 jan. 2024.

WILLIAMS, Adam. [Mexico's Water Crisis Is Spilling Over Into Politics](#). **Americas Quarterly**, 14 nov. 2023. Acesso em: 24 nov. 2023.

- **Em busca do Mar Vermelho: as ambições marítimas da Etiópia**

NOR, Mohamed Sheikh. [Somaliland – Ethiopia port deal sets neighbours on edge](#). **The Africa Report**, 04 jan. 2024. Acesso em: 14 jan. 2024.

WELDEMARIAM, Alemayehu. [Ethiopia's Port Deal With Somaliland Could Endanger Regional Stability](#). **The Maritime Executive**, 14 jan. 2024. Acesso em: 14 jan. 2024.

- **Do Senegal a Angola, o que a União Europeia planeja para o Golfo da Guiné em 2024?**

[African Migration Trends to Watch in 2024](#). **Africa Center**, 09 jan. 2024. Acesso em: 09 jan. 2024.

[Gulf of Guinea: Council launches an EU Security and Defence Initiative](#). **European Council**, 11 dez. 2023. Acesso em: 09 jan. 2024.

- **A crise na Royal Navy como um desafio ao status de “marinha de águas azuis”**

ALLISON, Georget. [Why Britain needs a larger navy](#). **UK Defense Journal**, 16 jan. 2024. Acesso em: 20 jan. 2024.

[Is the Royal Navy in crisis?](#). **AI Navy Lookout**, 08 jan. 2024. Acesso em: 20 jan. 2024

- **Aumento das tensões entre Israel e Hezbollah: expansão das instabilidades regionais**

[Hezbollah chief says group won't 'be silent' after killing of Hamas leader](#). **Al Jazeera**, 03 jan. 2024. Acesso em: 16 jan. 2024.

[Hezbollah says US strikes on Yemen's Houthis harm maritime security](#). **Al Jazeera**, 14 jan. 2024. Acesso em: 16 jan. 2024.

- **Ameaça Houthi no Mar Vermelho afeta comércio marítimo**

FEIERSTEIN, Gerald M. [Houthis see domestic and regional benefit to continued Red Sea attacks](#). **Middle East Institute**, 11 jan. 2024. Acesso em: 20 jan. 2024.

GORDON, Anna. [Who are the Houthi Rebels? Red Sea Attacks Result in US and UK Strikes on Yemen](#). **TIME**, 12 jan. 2024. Acesso em: 18 jan. 2024.

- **Guerra dos Drones: o impacto estratégico do emprego de veículos não-tripulados no conflito russo-ucraniano**

THOMPSON, Kristen D. [How the Drone War in Ukraine Is Transforming Conflict](#). **Council on Foreign Relations**, 16 jan. 2024. Acesso em: 17 jan. 2024.

ROSS, Philip E. [Budget Drones in Ukraine Are Redefining Warfare](#). **IEEE Spectrum**, 17 mai. 2023. Acesso em: 17 jan. 2024

- **O robustecimento da Indústria Naval nipônica e o avanço da Indústria de Defesa.**

TAKAHASHI, Kosuke. [MHI Is Riding the Wave of Japan's Boom in Defense Spending](#). **The Diplomat**, 23 nov. 2023. Acesso em: 25 nov. 2023

THOMAS, Richard. [Japan's Mogami class: next gen frigates for its surface force](#). **Naval Technology**, 17 nov. 2023. Acesso em 25 nov. 2023..

- **Revitalizar ou encerrar o Acordo Militar Abrangente intercoreano?**

HO, Min Jung. [Pyongyang scraps military pact with Seoul, threatens to deploy new weapons](#). **The Korea Times**, 23 nov. 2023. Acesso em: 23 nov. 2023.

[Statement by DPRK Ministry of National Defence](#). **KCNA**, 12 nov. 2023. Acesso em 23 nov. 23.

- **Modernização das Forças Armadas da Índia**

SIDDIQUI, Huma. [Indian Army's Technological Leap: Embracing Innovation, Indigenization, and Modernization in 2024](#). **Financial Express**, 11 jan. 2024. Acesso em: 17 jan. 2024.

[Narendra Modi is remaking India's 1.4m strong military](#). **The Economist**, 29 nov. 2023. Acesso em: 17 jan. 2024.

- **Amarras para uma boa vizinhança: o novo tratado entre Austrália e Tuvalu**

WYETH, G. [Australia and Tuvalu: The Complexities of Climate Refuge](#). **The Diplomat**, 16 nov. 2023. Acesso em: 18 nov. 2023

MERCER, Phil. [Australia Boosts Regional Security Influence With Tuvalu Accord](#). **VOA News**, 12 nov. 2023. Acesso em: 18 nov. 2023.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- HAITI - Conflitos internos: ["It's very scary now": Fear grips Haiti's Port-au-Prince amid gang violence.](#) **Al Jazeera**, 19 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [US forces strike Houthi sites in Yemen as Biden says allied action hasn't yet stopped ship attacks.](#) **Associated Press**, 19 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- ISRAEL - Conflito regional: [Israel hammers Gaza 's south.](#) **France24**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Strike kills Hezbollah fighter, civilian in Lebanon, amid seeming Israeli shift to targeted killings.](#) **Associated Press**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- MAR VERMELHO - Ataque a embarcações: [US Continues Preemptive Strikes Against Houthi Missile Launchers Near Red Sea.](#) **VOA News**, 20 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- MIANMAR - Crise regional: [Residents flee Myanmar's delta as junta steps up recruitment efforts.](#) **Radio Free Asia**, 18 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Ukraine drones hit St Petersburg gas terminal in Russia.](#) **BBC**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia intensifies operations against Al-Shabaab.](#) **Garowe Online**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- SUDÃO - Conflito interno: [Sudan escalates diplomatic tensions with UAE, plans to file complaint to regional, International institutions.](#) **Sudan Tribune**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

► MÉDIO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Crise regional: [France's blind support for Armenia inflates new regional conflict.](#) **Azernews**, 19 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- BELARUS - Crise regional: [Belarus Has Acquired Iskander Nuclear Missile Systems from Russia – Lukashenko.](#) **Kyiv Post**, 20 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Burkina Faso operating Chinese self-propelled guns and mortars.](#) **Defence Web**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- EQUADOR - Crise sociopolítica: [What is happening in Ecuador and why is it so dangerous now?.](#) **Reuters**, 19 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- GABÃO - Crise política: [Brouille diplomatique entre Libreville et Luanda: L'Angola convoque l'ambassadeur du Gabon à Luanda.](#) **Linf Drome**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.
- IRÃ - Instabilidade regional: [Iran smashes over 10 "terrorist cells" after deadly Kerman blasts: official.](#) **Xinhua News**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•IRAQUE - Crise regional: [Iraq: Iranian Attack Kills Civilians in Erbil](#). **Human Rights Watch**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•MALI - Crise sociopolítica: [Au Mali, la mission est accomplie, mais le plus dur reste à faire](#). **Bamada.net**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•NÍGER - Crise sociopolítica: [UN aid official urges increased support for Niger](#). **UN News**, 18 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Pakistan moves to de-escalate crisis with Iran after deadly airstrikes](#). **France 24**, 19 jan. 2024 Acesso em: 22 jan. 2024.

•REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Will Félix Tshisekedi deliver war or peace for DR Congo and Rwanda?](#). **BBC**, 20 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•SÍRIA - Crise regional: [5 dead in Israel strike on Syria targeting 'Iran-aligned leaders': monitor](#). **France24**, 20 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•VENEZUELA - Crise estrutural: [Bad Habits: The Case of the Bolivar's Overvaluation](#). **Caracas Chronicles**, 18 jan 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

► EM MONITORAMENTO:

•AFEGANISTÃO - Instabilidade social: [Afghanistan receives \\$80 million bi-weekly amid economic decline: UN Report](#). **WION News**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•COREIA DO NORTE - Crise regional: [North Korea stresses alignment with Russia against US and says Putin could visit at an early date](#). **Associated Press**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Estado busca justicia para víctimas de crímenes cometidos por la MS](#). **Diario El Salvador**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•ETIÓPIA - Crises internas: [Ethiopia says Red Sea access deal with Somaliland not 'assumption of sovereignty' over any state](#). **Anadolu Agency**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•GUIANA-VENEZUELA - Disputa regional: [Autoridad única de Guayana Esequiba informó que desarrollarán censo para evaluar problemáticas del territorio](#). **Correo del Caroní**, 19 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•ÍNDIA - Instabilidade social: [Manipur violence: Hectic tasks on to shift new commando post at Moreh](#). **The Economic Times**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: ['Libya is hell', 126 refugees rescued in the Mediterranean say](#). **Al Jazeera**, 18 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Manila gets tough in the South China Sea as a showdown looms](#). **The Japan Times**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Mozambique Insurgency Significantly Decreased, Say Experts](#). **ReliefWeb**, 17 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [Nicaragua: Life in the catacombs](#). **EL País**, 21 jan.2024. Acesso em: 22 jan. 2024

•NIGÉRIA - Crises internas: [Nigeria's Oil Spills Agency Investigates Shell Pipeline Leak Report](#). **VOA News**, 20 jan. 2024. Acesso em: 20 jan. 2024.

•PERU - Instabilidade sociopolítica: ['Murderer!': Peru president faces fierce backlash in slain protesters' hometown](#). **Reuters**, 20 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade sociopolítica: [UN peacekeeper killed, 5 wounded in Central African Republic explosion](#). **Anadolu Agency**, 16 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024

•SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Grupo de migrantes que partió del norte de Honduras se disuelve nada más cruzar a Guatemala](#). **Associated Press**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•SÉRVIA E KOSOVO - Instabilidade regional: [Defense Minister: The Arming of Kosovo represents a Danger for Serbia](#). **Sarajevo Times**, 21 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.

•TAIWAN - Disputas regionais: [Taiwan says 6 Chinese balloons flew through its airspace and warplanes and ships also detected](#). **Associated Press**, 22 jan. 2024. Acesso em: 22 jan. 2024.